



Director literario:

Albuquerque
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Edwardella
PAPUSSE

DAHIR EMBRIAGADO



Embragado, Dahir.
—(guerreiro da antiguidade)—
altivo intenta sair,
pelas portas da cidade.



Abertas de par em par,
bem fáceis são transpôr,
mas Dair, ao caminhar,
sente um estranho torpôr.



Com a vista um pouco turva,
em vez de seguir a eito,
faz, quando em quando, uma curva;
vai contra o lado direito!



Torna a tentar,—(que arrelia!)—
porém, cada vez mais lerdo,
segue pimpão; todavia,
esbarra no lado esquerdo!

Com voz entaramelada,
diz, então, com gravidade:
—Já percebi; está fechada—
e volta para a cidade.

Os anos da Avozinha

por Garota Indiadada

bonecos de E. M.



FAZIA anos a avòzinha. Que dia festivo, e que alegria e ventura para os seus filhos e netos! Nos rostos comovidos dos que a rodeavam, transparecia bem real e sincera a veneração e a estima de que era alvo, aquela simpatia extraordinária e espontânea que nos aproxima de tódos os

vêlhinhos, auxiliando-os, guiando-os no caminho, que, por ventura, o tempo já lhes não permite atravessar livremente.

É tão bom ter uma avòzinha, meus amiguínhos! Com que carinho e doçura nos anima, com que paciência santificada nos repreende e nos perdôa!

É a mãe de nossa mãe, e acima de nossos Pais, é, sem dúvida, a nossa melhor amiga, que mais nos ama e estremece.

Nesse grande dia, em que a avó completava oitenta e três anos, vendo-se rodeada de tódos os seus filhos e nêtinhos, comovia-se até às lágrimas, lágrimas teimosas e rebeldes que vinham dar mais fulgôr aos olhos então já gastos e cansados. Mas que santas lágrimas! Eram de felicidade, de amor e de ternura. Ela acariciava os cabelos louros dos bebês e, recordando que já fora nova também, bela e amada, sentia agora uma alegria imensa de se vêr assim respeitada e estimada por aqueles a quem dedicara tóda a sua vida, tódo o seu affecto, tódos os seus cuidados.

É, na verdade, extraordinariamente belo e santo o amor da família!

Tódos os netos lhe ofereceram prendas. Um lindo «napperon», singelamente bordado, foi oferta da Nita; a Helena comprara um grande Pão de ló que sabia ser muito apreciado pela avòzinha; finalmente o Nécas e Luiz Filipe, já mais crescidinhos e ponderados, quizeram mostrar que bem sabiam aproveitar também as suas economias!...

Ofereceram-lhe uma linda moldura de prata com os seus retratos.

A tódos, sorrindo e acariciando com bondade, notou a simpática vèlhinha a tristeza profunda da sua nêtinha mais nova.

Pois se ela nada tinha para oferecer à sua querida avó! — respondeu esta, soluçando, à interrogação formulada.

Minha querida, então que havias tu de me dar, meu anjo — dizia-lhe a avó comovida. Que sejas muito bôazinha e obediente é o que desejo, é isso o que maior alegria me dará, acredita! Agora, vai brincar, meu amor, e não quero vêr-te chorar mais, Mariazinha foi, mas tão triste, tão triste... Pôs-se a pensar e um sorrisito feliz raiou nos seus lábios lindos, um pensamento rápido atravessou aquele pequenino cérebro infantil, dando-lhe ao coração uma alegria imensa. Correu a encerrar-se no seu quarto donde só saiu à noitinha, para o jantar de festa. Tódos, então, lhe notavam já aquela mesma sinceridade de sempre, a sua desenvoltura habitual, e as suas gargalhadas francas, argentinas, ecoavam alegremente por tóda a sala! Aproximou-se da avòzinha e, com um sorriso travesso e olhar meigo, lhe disse:

Avòzinha, bôazinha,
Vais-me agora perdoar



Esta prenda pequenina
Que tu podes não gostar,
Mas olha que é de vontade,
Avó, do meu coração,
Foi feita durante a tarde...
E não lhe puz um borrão...

E a pequenita mostrava, orgulhosa, numa grande
folha de papel, tôdo o seu trabalho da tarde, sem

um único erro, nem um único borrão. E com que
carinho, com que paciência fizera aquela escrita...
feliz, enfim, por já ter que oferecer à sua
querida avózinha!...

A avó olhava-a, comovidamente, soluçando. Era
agora ela quem chorava, beijando a neta, admirando-a,
e reconhecendo que aquele amôzinho tinha uma alminha
clara e límpida e um coração meigo como o de um anjo.

■ F I M ■

UMA CURIOSA INICIATIVA

Atenção

Augusto de Santa-Rita e Olavo D'Eça Leal, dispondo-se a organizar «matinéés» infantis no Teatro do Gimnásio, com o patrocínio e valiosa colaboração do distinto actor Erico Braga, pedem aos pais dos pequenos leitores do *Pim-Pam-Pum*, que desejem iniciar os seus filhos na carreira teatral, a fineza de endereçarem, para o Teatro do Gimnásio em nome de Olavo D'Eça Leal, uma proposta subordinada aos seguintes requisitos:

- Não ultrapassar a idade dos 15 anos.
- Não aparentar defeitos físicos.

- Ter boa memória e muita vivacidade.
- Saber ler e escrever.
- Indicar as aptidões excepcionais de que disponham. Não sendo, todavia, indispensável possuí-las, como sejam: — cantar, tocar qualquer instrumento ou dançar.
- Enviar uma fotografia.

Escusado será acrescentar que esta iniciativa tem um aspecto essencialmente profissional e que os pequenos actores serão remunerados, conforme as suas qualidades e condições a combinar.

A obra de mestre Hilário

NOVELA INFANTIL

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenhos de EDUARDO MALTA

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)

AUSPICIOSO ENLACE



dois de Abril de 1988, numa linda manhã de Primavera, ao searem na torre as doze badaladas do meio dia, o adro monumental da Basilica da Estrêla, tôdo engalanado e atapetado por vermelha alcatifa, estava repleto de convidados e povo que, em alas compactas, assistiam à passagem, de Valentina a qual, arrastando um longo manto de noiva, vaporoso e nêveo como a espuma do mar e ostentando uma linda grinalda de flores de laranjeira, coroando os doirados cabelos, regressava do Templo, dando o braço direito a Franklim Joice, o gentilíssimo noivo, a cuja figura esbelta, uma casaca de talhe irrepreensível, um colar e seis condecorações, imprimiam um cunho de extrema distinção.

Extensas filas de automóveis, enchiam quasi tôdo o lar-

go. As mais representativas figuras da alta finança, das letras e da política, moviam-se, agitavam-se, animadamente, procurando os respectivos «autos», entre a curiosidade dos espectadores casuais, que a polícia, de luva branca e distintivo de gala, tentava afastar, desimpedindo o trânsito. Uma banda de música dum regimento, em forma, entoava os primeiros acordes da marcha nupcial.

Em virtude da habitação de Franklim não ser suficientemente espaçosa para o grande número de convidados, foi resolvido que o «copo de água» seria servido no Avenida-Palace-Hotel, onde oito criados de calção e meia, sôb a direcção do «maitre», andavam já numa azáfama, dispondo-o artisticamente, numa série de mesas em forma de ferradura — augúrio de felicidade — e dando os últimos retoques para que a mínima falta pudesse ser notada.

A uma hora menos vinte minutos, o festivo cortejo parava à porta do «Palace» e, vinte minutos decorridos, uma série de brindes se trocavam, festejando o auspiciosíssimo enlace do primeiro ministro de Portugal, de cujo talento brilhantíssimo havia ainda a esperar compensadores triunfos.

As três horas da tarde, Franklim Joice e Valentina, já com os seus trajos de passeio, retomaram o seu automóvel





que logo se dirigiu para Sintra onde os amorosos noivos iam passar a sua «lua de mel».

ELEIÇÃO dum NOVO CHEFE de ESTADO

Passados quinze dias, após o casamento de Franklím, activavam-se os preparativos da nova eleição para a Presidência da República que ia vagar por haver terminado o mandato do presidente eleito.

Zé Falcão, cuja influência política se transmudara em favor de Franklím Joice, candidato proposto, andava em constante labuta de propaganda, contando já, como certos, quatrocentos mil votos.

Chegara, finalmente, o dia da eleição e atingira o seu auge a ansiedade popular.

Quando após o grande rescaldo do Poente, começava tombando a cinza da tarde, D. Ana, sentada à porta da sua humilde casinha, aguardava, ansiosa, a sensacional notícia do triunfo eleitoral.

— «Quem venceria?! Quem viria a ser o novo Presidente?!...» Além de Franklím, do marido da sua querida netinha, dois candidatos tinham probabilidades de vitória.

Súbitamente, ao longe, um pregão: — «a última hora!...» — avorçoçou mais ainda a adorável velhinha, mãe de Zé Falcão.

— «Pchit... pchit...!» chamou.

Um pequenino ardina, que conhecia D. Ana, avançou, então, e, reconhecendo-a, logo lhe deu a sensacional nova:

— «Parabens, senhora Ana; o marido de sua neta, já está Presidente!»

Trémula de emoção, já com duas lágrimas a bailarem-lhe, de louco contentamento, no enrugado rosto, D. Ana, extremamente comovida, pegou no jornal «A ORDEM», do seu querido Franklím, e leu as seguintes palavras que, em grossos caracteres, encimavam a primeira página:

ATINGINDO A MAIORIA DE VOTOS,
FRACKLIM JOICE,
o nosso querido director,
FOI ELEITO NOVO CHEFE DE ESTADO.
VIVA A REPÚBLICA,
VIVA PORTUGAL!

.....
Anciosa pela chegada do filho, a fim de lhe ouvir mais pormenores, D. Ana foi sentar-se, novamente, à portinha de casa, devorando, com o olhar, o desenvolvido relato do grande acontecimento que já enchia toda a cidade, que no dia imediato se estenderia por todo o país e acabaria por ser comentado até na imprensa estrangeira. Também

NA GRANDE CONFEDERAÇÃO INFANTIL

a notícia da eleição de Franklím Joice, para a Presidência da República, havia sido avidamente lida, não só por Mestre Hilário e por D. Graziela como por todos os discípulos que intimamente haviam feito ardentíssimos votos pelo triunfo do seu antigo internado.

Haviam já decorrido três semanas após a proclamação de Franklím Joice, quando, de chofre, Hilário de Santa Rosa e D. Graziela receberam a grata notícia de que o Senhor Presidente da República resolvera consagrar a sua primeira visita oficial à «Grande Confederação Infantil», como prova da muita consideração e apreço que lhe merecia a benemérita Instituição e de que essa visita se realizaria pelas três horas da tarde do mesmo dia.

(Continua no próximo número)

A LIÇÃO da Veva

por
Carlófer

bonecos
de A.M.



A Veva está na berlinda,
Porque escreve, conta e lê,
Desenha e colore ainda,
Tudo isto, só quando é linda,
Quando quiere, já se vê...

Repetir vai ela, agora,
A Cartilha Maternal;
Nas vogais não se demora,
E depois, por ali fóra,
Sabe tudo menos mal.

No cequêxe da Cartilha,
A palavra *çaça* vem;
Como o sangue lhe fervilha,
Não repara na cedilha...
—Um descuido, qualquer tem!

Seus ouvidos andam cheios
De regras que a mestra dá;
Reproduz, livre de enleios;
—*Vaze o Jarro* tem vozeios,
Tem bafejos *faça chá*.

Mostra aspecto compungido,
Porque leu, no *Hino de Amor*,
«Jesus, doido...»—«Olhe o sentido:
Não é *doi-do*, mas *do-t-do*...
Volve a mestra, com rigor.

Nenhum livro lhe é tão grato,
Como este, os encantos seus!
Trá-lo sempre a bom recato,
Não vá perder o retrato
Do querido João de Deus!

Já terminada a leitura,
Segue ao quadro, e, com o giz,
Dum homem traça a figura,
Mas, prevendo arte futura,
Deixa-lhe em branco o nariz!

A mestra, que não é lerda,
Começa logo a ralhar;
Então, de tempo sem perda,
Na orla da face esquerda,
O nariz foi desenhar!

--«Sente-se e vamos à escrita...
Cautela com os borrões!
Tôda a menina bonita
Não procura, mas evita,
Dar aos mestres ralações...»

«Era já ~~noite~~ cerrada...»
Por modelo a mestra deu
Só este verso, e mais nada...
«Cheira já muito a maçada...»
«Sem reparar...» escreveu!

—«O juízo nos ensaboa!
Não tem propósito algum...!»
Diga ainda, — não à tóa:
Com quantos fica a pessoa
Que de vinte tira um?»

—«Com um! —«Essa agora é rica!
Tome estes bagos de grão...
Vinte, como verifica...
Bem! Tire um... Com quantos fica?»
—«Com um... e cá está na mão!...»

F I M

HORA DE RECREIO



Decifração da adivinha do penultimo número

Albano
Albino
Alcino
Adão
Aleixo

Alfredo
Augusto
Armando
Alberto
Anacleto

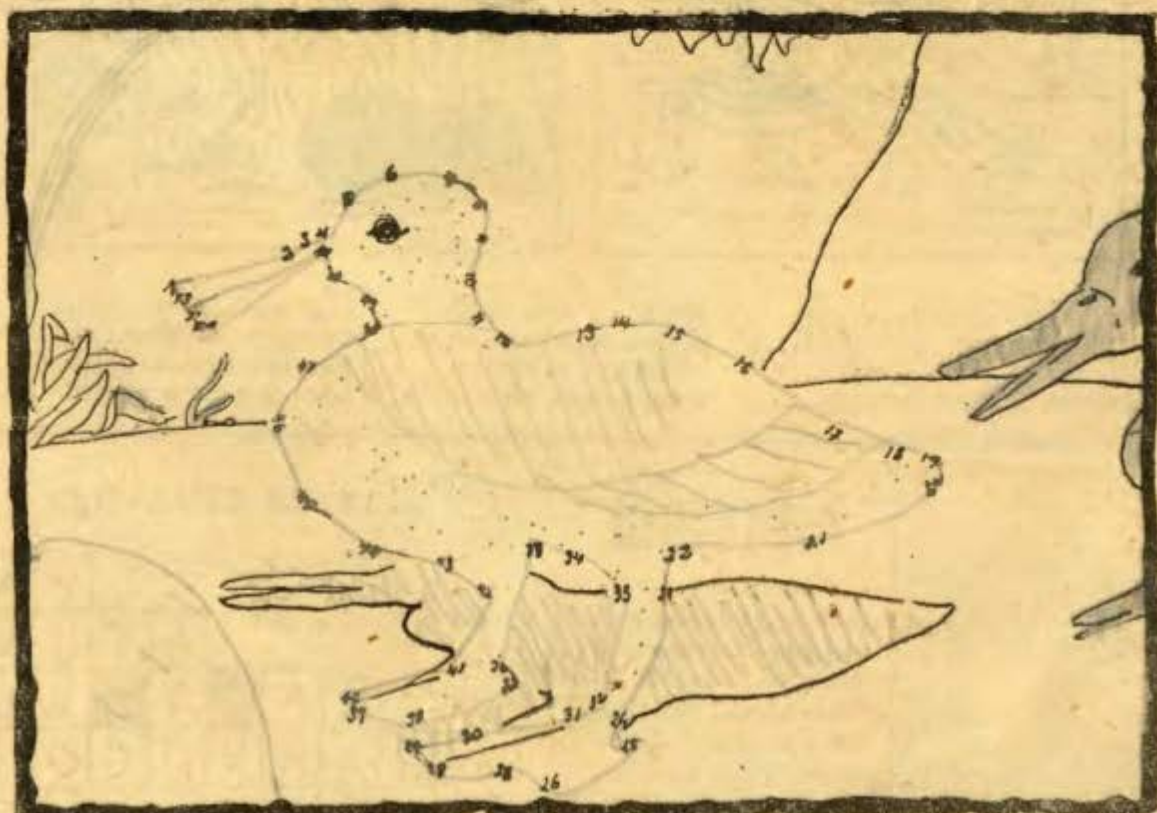
Adolfo
Americo
Afonso
Agapito



Solução da adivinha anterior

1—Aio—2—Fio—3—Mio—4—Tio—5—Rio—
6—Pio.

Meus meninos vejam se descobrem onde
se encontra a filha d'este guerreiro.



BONECO PARA TRACEJAR E COLORIR

OSSOS DO OFICIO

Desenhos de João da Gama Pimentel Barata



O moço de fretes Paco, natural de «chão de Lobas» conduz às costas um saço que pesa umas cinco atrobas.



Como vai um pouco «à rasca» e já com dor numa ilharga; decide entrar numa tasca e deixar à porta a carga.

O gatuno Zé Varejo, cobiçando o grande saço, aproveita o belo ensejo de roubar o pobre Paco.



Voa, corre como um galgo... —«Já devo estar governado!...» diz, consigo, o ladão, algo surpreso, alegre e intrigado.



Abrindo o saço, porém, já distante, no seu nicho, repara que só contém cisco, pedras, terra e lixo.

Lixo que uma cozinheira entregara ao pobre Paco, para que numa estrumeira fosse despejar o saço.

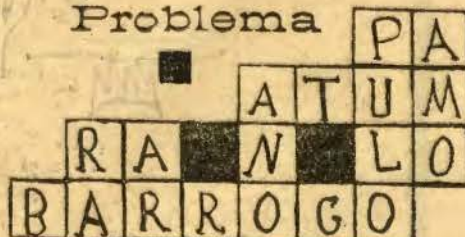


Morenita

O «Pim-Pam-Pum» tem hoje o grande prazer de apresentar aos seus pequeninos leitores a sr.^a D. Júlia de Almeida Nunes que, sôb o pseudónimo de *Morenita*, tantas vezes tem honrado o nosso suplemento com os fartos recursos da sua bela e rica imaginação.

Palavras cruzadas

Problema



Solu-
ção
do

problema
na rior

O Augusto D. Gomes
de 24 1929
PARTO